

# DAVID GROSSMAN

«Um escritor de uma honestidade apaixonante, que não tem receio de lançar questões terríveis.»

Nadine Gordimer  
Prémio Nobel de Literatura

## O MEL do LEÃO

### O mito de Sansão

ELSINORE

## PRÓLOGO

«Sansão, o herói», eis o que toda a criança judia aprende a chamar-lhe, da primeira vez que ouve contar a história. E é assim, mais ou menos, que ele tem sido representado ao longo dos anos, em centenas de obras de arte, no teatro e no cinema, nas literaturas de muitas línguas: um herói mítico e um guerreiro cruel, o homem que despedaçou um leão com as suas próprias mãos, o líder carismático dos judeus nas suas guerras contra os filisteus e, sem qualquer dúvida, uma das personagens mais turbulentas e coloridas da Bíblia hebraica.

Mas a maneira como eu leio a história nas páginas da minha Bíblia — o Livro dos Juízes, capítulos 13 a 16 — vai a contrapelo da imagem familiar de Sansão. A minha imagem não é a do bravo caudilho (que nunca, afinal de contas, dirigiu o seu povo), nem a do nazireu de Deus (que, temos de reconhecê-lo, era dado a frequentar prostitutas e a entregar-se à luxúria), nem apenas, tão-pouco, a de um assassino com hipertrofia muscular. Para mim, trata-se, acima de tudo, da história de um homem cuja vida foi uma luta interminável para se acomodar ao poderoso destino que lhe fora imposto; um destino cujo sentido nunca foi capaz de alcançar, nem, ao que parece, de compreender plenamente. É a história de um menino que nasceu como um estranho aos olhos de seu pai e sua mãe; a história de um magnífico homem forte que incessantemente ansiou por conquistar o amor de seus pais

— e, por conseguinte, o amor em geral —, algo que, no fim, acabou por nunca receber.

Há poucas outras histórias na Bíblia com tanto drama e ação, tanto fogo de artifício narrativo e emoção pura, como os que encontramos no conto de Sansão: a batalha com o leão; as trezentas raposas a arder; as mulheres com quem ele foi para a cama, e a única mulher que ele amou; a traição por parte de todas as mulheres da sua vida, desde sua mãe a Dalila; e, no final, o seu suicídio homicida, quando faz desabar a casa sobre si próprio e três mil filisteus. Contudo, para além da impulsividade feroz, do caos, e do barulho, podemos entrever uma história de vida que, no fundo, é a viagem atormentada de uma alma isolada, solitária e turbulenta, que nunca encontrou, em lado algum, um verdadeiro lar no mundo, cujo corpo era ele próprio um duro lugar de exílio. Para mim, esta descoberta, este reconhecimento, é o ponto em que o mito — apesar das suas grandiosas imagens, das suas aventuras maiores do que a vida — desliza silenciosamente para dentro da existência diária de cada um de nós, para dentro dos nossos momentos mais privados, dos nossos segredos ocultos.

Há um ponto na história de Sansão — o momento em que ele adormece no colo de Dalila — que parece absorver e condensar o conto inteiro. Sansão recua para o seu eu acriançado, quase infantil, desarmado da violência, da loucura e paixão que confundiram e arruinaram a sua vida. Esse é, claro está, também o momento em que é selado o seu destino, pois Dalila tem nas mãos o seu cabelo e a navalha, e os filisteus, lá fora, já saboreiam a vitória. Mais um momento, e os seus olhos serão arrancados, e o seu poder será extinto. Em breve, será metido na prisão, e os seus dias chegarão ao fim. No entanto, é agora, quiçá pela primeira vez na sua vida, que encontra repouso. Ali, no próprio âmago da cruel perfídia, que ele certamente desde sempre esperou, é-lhe concedida, finalmente, uma perfeita paz, uma libertação de si próprio e do tempestuoso drama da sua vida.

\*

Naqueles tempos — aparentemente, o fim do século XII e o princípio do século XI a. C. —, ainda não havia um rei em Israel nem qualquer autoridade central. As nações vizinhas de Madiã, Canaã, Moab, Amón e Filisteia tiravam proveito da fraqueza das tribos hebreias e lançavam campanhas de conquista e pilhagem contra elas. Uma vez por outra, erguer-se-ia,

numa ou noutra tribo, uma pessoa que soubesse dirigir a sua tribo, por vezes várias juntas, para uma batalha de retaliação. Se ganhasse, tornar-se-ia caudilho e juiz, com o título de *shofet*. Foi o caso de Gedeão e Jefté, de Eúde, filho de Gera, Samgar, filho de Anat, e Débora, a esposa de Lapidoth. Assim, os israelitas oscilavam ciclicamente entre períodos de opressão e redenção, que correspondiam, conforme se narra no Livro dos Juízes, aos seus pecados e à respetiva expiação. Primeiro, adoravam ídolos, depois Deus convocava, como castigo, os seus mortíferos vizinhos. Eles clamavam por Ele, na sua aflição, e Ele elegia, de entre eles, uma pessoa que os salvasse.

No meio dessa turbulência, viviam um homem e uma mulher da tribo de Dan. Viviam em Zora, nas terras baixas da Judeia, uma região especialmente violenta, posto que, naqueles tempos, era a fronteira entre Israel e os filisteus. Para os israelitas, era a primeira linha de defesa contra os filisteus; para estes, era o primeiro passo essencial em qualquer tentativa para conquistar o território das colinas da Judeia. O homem chamava-se Manué, mas o nome da mulher não é conhecido. Dela apenas se diz que era «estéril, e não tinha filhos», o que basta para sugerir que, juntamente com as tribulações próprias da raia, o casamento deles também havia estado repleto de dor.

Mas qualquer pessoa familiarizada com a semiótica da narração de histórias bíblicas sabe que a simples menção de uma mulher estéril quase sempre pressagia um nascimento de grande importância. E, na verdade, um dia — durante um desses períodos em que «os israelitas fizeram outra vez aquilo que era ofensivo para o Senhor» —, quando a mulher está só, sem o marido, um anjo de Deus aparece diante dela

e diz-lhe: «Eis que agora és estéril, e nunca tens concebido; porém conceberás, e terás *um* filho.» E, imediatamente, lhe dá uma lista de instruções e advertências, mas também boas novas: «Agora, pois, guarda-te de que bebas vinho, ou bebida forte, ou comas *coisa* imunda. Porque eis que tu conceberás e terás *um* filho, sobre cuja cabeça não passará navalha; porquanto o menino será nazireu de Deus, desde o ventre; e ele começará a livrar a Israel da mão dos filisteus.»

Ela vai ter com o marido e diz-lhe: «*Um* homem de Deus veio a mim». E as orelhas do leitor arrebitem-se, porque a mulher não emprega a mesma palavra que o narrador bíblico — «o anjo do Senhor apareceu a esta mulher» —, mas antes «veio a mim», uma expressão emotiva, carregada de duplo sentido, que, na Bíblia, mais do que uma vez se refere ao próprio ato da cópula.

As orelhas do marido, provavelmente, também se arrebitem, e a mulher depressa lhe descreve o estranho. «[A sua] vista era semelhante à vista de um anjo de Deus, terribilíssima», explica ela. Mas acrescenta: eu «não lhe perguntei de onde era, nem ele me disse o seu nome». E, por entre as suas palavras, pode ouvir-se, parece, um tom de desculpas — tão assustadora era a aparência do homem que ela não teve coragem de lhe perguntar de onde ele era, nem sequer o seu nome.

E o marido, Manué, como responde? E o que diz o seu silêncio? Talvez franza o sobrolho com ar perplexo, tentando extrair uma pergunta da confusão em que a sua mulher tão subitamente o mergulhou. Mas esta não espera que ele pergunte e, rapidamente, ansiosamente, continua a empilhar novas informações: O homem de Deus disse-me «tu conceberás» e prometeu que eu teria um filho e mandou que eu

não bebesse vinho, nem bebida forte, nem comesse alguma coisa imunda, pois o menino seria um nazireu, desde o ventre até ao dia da sua morte...

Aí, ela contou-lhe tudo. Libertou-se a si própria do fardo daquele encontro e das extraordinárias novidades, e, no entanto, o texto não nos conta rigorosamente nada acerca de qualquer emoção que se tenha manifestado entre ambos, nem de qualquer sorriso ou olhar terno. O que não deveria constituir uma surpresa, porquanto a Bíblia, por via de regra, raramente regista os sentimentos dos seus heróis. A Bíblia é uma história de ações e acontecimentos, e deixa-nos — a todos e a cada um dos leitores — o encargo da especulação, uma tarefa excitante, mas que acarreta riscos de exagero e fantasia. Não obstante, atrevamo-nos a fazer, nas páginas que se seguem, aquilo que muitas gerações de leitores antes de nós fizeram, homens e mulheres que leram o parco texto bíblico em função da sua fé, das convenções da sua época e das suas próprias inclinações pessoais, atribuindo assim significados e conclusões (e, às vezes, desejos e ilusões) a cada palavra e a cada sílaba.<sup>1</sup>

E assim, com o necessário cuidado, mas também com o prazer da conjectura e da imaginação, tentemos fixar no olho da nossa mente o encontro entre o marido e a mulher, ela a falar e ele a ouvir, ela falando muito e ele sem dizer uma palavra. E não há maneira de se saber o que vai brotando sob esse silêncio, excitação e alegria talvez, talvez irritação com a mulher que conversa tão livremente com um homem estranho; e também podemos perguntar-nos se ela, enquanto fala, o olha diretamente nos olhos ou se desvia para baixo o seu olhar, evitando o marido, a quem, por alguma razão, um anjo

não apareceu. E ainda que só uma pequena parte do que imaginámos tenha realmente tido lugar, não há dúvida de que as novas que receberam os terão abalado a ambos até ao âmago, terão agitado os mais profundos sentimentos da parte dele quanto à prolongada esterilidade dela e surpreendente gravidez, e, talvez, também da parte dela quanto a ele, quanto à fraqueza e à impotência, a que, ao que parece, se alude nessa breve cena.

E nós, ao espreitá-la, ficamos tão cativados por esse momento familiar altamente carregado, que quase não nos damos conta de que aquilo que a mulher relata ao marido não é bem o mesmo que lhe foi contado a ela. Estão em falta dois pormenores centrais: ela não menciona que nenhuma navalha há de tocar na cabeça do filho de ambos ainda não nascido, nem diz ao marido que esse filho «começará a livrar a Israel da mão dos filisteus».

Por que razão omite ela esses detalhes cruciais?

Pode argumentar-se que, na sua excitação e confusão, ela se esqueceu, simplesmente, da questão da navalha. Estava, sem dúvida, muito agitada e talvez partisse do pressuposto que Manué soubesse que, se o rapaz ia ser um nazireu, se lhe aplicariam as bem conhecidas restrições, incluindo a proibição de cortar o cabelo. Mas como explicar a segunda omissão? Como é que uma mulher pode omitir — até esconder — do marido uma informação tão significativa a respeito do futuro filho do casal, uma notícia que, seguramente, lhe daria satisfação e orgulho, e, talvez, uma certa compensação por todos aqueles anos amargos e estéreis?

Para entendermos isso, para a compreendermos, precisamos de voltar atrás e de ler a história pelos olhos dela.



E recordar que o texto bíblico nem sequer revela o seu nome. A palavra «estéril» é tudo quanto se diz a seu respeito. E até se redobra: «estéril, e não tinha filhos». Esta ênfase sugere que ela estivera longos anos à espera de um filho, que nunca tinha chegado. Provavelmente, já renunciara à possibilidade de, um dia, ter um filho. E é bem provável que o «título» de 'akara, «a estéril», lhe tivesse sido atribuído por outros, na família, na tribo, em toda a região de Zora. E, quem sabe, talvez até o marido, em momentos de irritação, lhe tivesse aplicado uma vez por outra o cáustico epíteto 'akara, e entre ambos, também, essa palavra se tornasse o seu nome, a farpa que a feria de cada vez que pensava em si própria e no seu fado.

E agora, essa mesma «mulher sem filhos, que não deu à luz» é subitamente agraciada com o aparecimento de um anjo, que lhe traz novas de que terá um filho. Contudo, nesse mesmo instante, em que o seu sonho se realiza e a sua alegria não tem limites, o anjo acrescenta: «porquanto o menino será nazireu de Deus, desde o ventre; e ele começará a livrar a Israel da mão dos filisteus».

E ela mergulha num estonteante turbilhão de pensamentos e emoções.

Vai nascer-lhe um filho. *A ela*. Até esse momento, evidentemente, não sabia nada disso. O anjo soube-o primeiro e deu-lhe a notícia. E, no momento da anunciação, talvez ela sinta uma estranha pontada dentro de si (os anjos sabem que as revelações resultam melhor com uma prova concreta). E está sem dúvida muito orgulhosa de que o seu filho venha a ser aquele que salva os israelitas: qual a mãe que não se orgulharia de produzir o salvador do seu povo? Mas, num recanto oculto do seu coração, talvez a sua felicidade não chegue a ser completa.

Pois uma outra intuição, dolorosa e ainda reprimida, começa a roê-la: ela não concebeu o seu próprio filho, privado e íntimo, mas antes uma espécie de «figura nacional», um nazireu de Deus e o redentor de Israel. E o seu caráter único não é algo que se vá desenvolver lentamente, ao longo dos anos, de tal modo que ambos se possam, confortavelmente, ir adaptando, juntos, aos seus papéis — ser mãe de um salvador é também uma posição de responsabilidade —, mas, pelo contrário, isso está a suceder agora, subitamente, já, de uma maneira decidida e inexorável: «porquanto o menino será nazireu de Deus, desde o ventre...»

Ela tenta perceber. Esse filho, esse filho há tanto esperado, no momento em que lhe foi dado, em que começou a germinar dentro de si, já foi tocado, como se verifica, por alguma outra entidade estranha, e isso quer dizer que — aí, ela sente uma pontada aguda, insólita — há de ser um filho que nunca será somente dela.

Ela compreende isso imediatamente? Não há maneira de o saber. Com certeza que todo o episódio a confundiu e que, naquele momento, ela está cheia unicamente de alegria ante a gravidez e de orgulho ante o menino especial que vai nascer dela — *dela*, e não de todas aquelas que, na aldeia e na tribo, a viam tão-somente como *'akara*, a mulher sem filhos... Mas podemos supor que, bem lá no íntimo, a mãe de Sansão sabe, com uma profunda intuição feminina — um conhecimento que nada tem que ver com qualquer fé religiosa ou temor a Deus —, que aquilo que lhe foi dado também lhe foi retirado no mesmo instante. O momento da sua máxima intimidade — dentro dela própria, como mulher — foi confiscado e transformado num acontecimento público, partilhado com

estranhos (incluindo nós, que interpretamos a sua história milhares de anos depois), e por essa razão, num gesto instintivo de distanciamento e negação, ela arreda para longe parte das perturbadoras notícias.

E, aqui, vem-nos à memória uma outra mulher da Bíblia, cujo fado era o mesmo que o da mãe de Sansão: Ana, que, em lágrimas, orou e fez o voto de que, se lhe nascesse um filho, ela o daria a Deus como um nazireu. E, na sequência desse voto, nasceu Samuel, e ela foi obrigada a entregá-lo a Eli, o sumo-sacerdote. Mas esses contos de gravidezes extraordinárias não se livram da sugestão incómoda de que Deus explorou, de algum modo, o desespero dessas mulheres que, de tão avidamente ansiosas por conceber e parir, estavam dispostas a aceitar qualquer «sugestão» quanto ao destino dos seus filhos, até mesmo — na linguagem dos nossos dias de hoje — a servir de «mães de aluguer» para os grandes planos de Deus.

\*

A esposa de Manué vai ter com o marido e conta-lhe o encontro, e já observámos que o seu relato quase dá a impressão de ser apologético e excessivamente pormenorizado: ostensivamente, revela tudo, mas, de facto, omite muita coisa. Vale a pena mencionar aqui que um bom número de comentadores da história — incluindo poetas e dramaturgos, pintores e romancistas, que, ao longo dos anos, têm explorado a personagem de Sansão — insinuou que Sansão terá nascido de uma ligação entre a mãe e o «homem de Deus». Outros, nomeadamente Vladimir Jabotinsky, no seu maravilhoso

romance *Sansão, o Nazireu*, foram ao ponto de admitir a possibilidade de Sansão ser o resultado de uma aventura amorosa entre sua mãe e um filisteu de carne e osso.<sup>2</sup> Segundo a sua leitura, o assunto do «homem de Deus [que] veio a mim» foi, simplesmente, uma história de encobrimento que ela inventou, para explicar a Manué, de modo satisfatório, a sua embaraçosa gravidez. Esta hipótese, claro está, acrescenta mais picante à saga das complexas relações de Sansão com os filisteus. Mas nós, embora estejamos tentados, confiaremos, em vez disso, na versão dada pela mãe de Sansão, pois em breve descobriremos que, mesmo tendo ela dito toda a verdade, a sua grande, a sua fatídica traição não foi, no fim de contas, a expensas do seu marido.

Porque, depois de anunciar a Manué que terão um filho, ela recita-lhe a segunda porção da mensagem do anjo — a qual, como se recordará, com uma precisão menos do que completa. Omite mencionar a proibição do corte de cabelo e, igualmente, o futuro do rapaz enquanto salvador nacional. «O menino será nazireu de Deus, desde o ventre», diz ela e conclui com umas poucas palavras da sua autoria: «até ao dia da sua morte».

E este é, certamente, um acrescento estranho: uma mulher que acaba de saber que irá ter um filho, ao cabo de longos anos de infertilidade, conta ao marido o que há que esperar do filho de ambos — e, depois, fala do *dia da sua morte*?

Mesmo alguém que não seja pai ou mãe, que nunca tenha passado por esse momento especial, em que o casal de futuros pais recebe a boa notícia, sabe que, em semelhante ocasião, não há nada mais afastado dos seus corações e das suas mentes que o «dia da morte» da criança vindoura.

«Há poucas outras histórias na Bíblia com tanto drama e ação, tanto fogo de artifício narrativo e emoção pura, como os que encontramos no conto de Sansão: a batalha com o leão; as trezentas raposas a arder; as mulheres com quem dormiu, e a única que amou; a traição por parte de todas as mulheres da sua vida, desde sua mãe a Dalila; e, no final, o seu suicídio homicida, quando fez desabar a casa sobre si próprio e três mil filisteus. Contudo, para além da fera impulsividade, do caos e do barulho, podemos entrever uma história de vida que é, no fundo, a viagem atormentada de uma alma isolada, solitária e turbulenta, que nunca encontrou, em lado algum, um verdadeiro lar no mundo, cujo corpo era ele próprio um duro lugar de exílio.»

Uma viagem fascinante e controversa pela história e psicologia de uma das personagens mais significativas da Bíblia, que lança um novo olhar sobre o passado, projetando-o no mundo de hoje.

**«A aventura deste homem milenar, cuja tragédia, à semelhança de Édipo, foi a de não conseguir suportar um destino demasiado grandioso a si imposto, toca-nos diretamente no nosso próprio âmago.»**

*The Independent*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-51-2  9 789898 864512 Ensaio
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	